

# Animatógrafo

N.º 66 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 10 DE FEVEREIRO DE 1942 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS.

## MORTE DE ALGUÉM

Quem assina estas linhas voltou agora de acompanhar ao cemitério o corpo do homem a quem deve a sua carreira de jornalista de cinema, e, por consequência, a sua carreira cinematográfica: Pedro Bordalo Pinheiro.

Que lhe seja portanto permitido juntar o seu luto ao dos seus camaradas do «Diário de Lisboa», jornal onde começou a exercer o duro ofício de escrever em letra de fôrma, no inglório fito de divulgar e defender uma actividade que o apaixonava, e que se debatia perante a indiferença, a incompreensão dum público atrozado de quarenta anos em relação a qualquer modalidade de espectáculo.

Nunca mais poderei esquecer as palavras que, durante o nosso comovido abraço, me murmurou, diante do jazigo, o sr. dr. Joaquim Manso, director do jornal onde ensaiei as minhas primeiras desilusões de escriba público:

— Você foi um dos fiéis!... Tal galardão de fidelidade orgulha-me bem mais que qualquer outro dos que porventura recebi, contra-balanço das ofensas que tenho recebido, e que estou condenado a receber enquanto souber e puder resistir neste meu pósto de combate.

Mas pergunto: quem poderia, conhecendo-o, lidando com ele, dia a dia, lutando a sua luta, acreditando na sua fé, não ser fiel a Pedro Bordalo Pinheiro?

Porque Pedro Bordalo era alguém. Pedro Bordalo — era um homem. Tão raras são, desgraçadamente, as suas faculdades de trabalho, a sua energia de orientador, a sua serenidade de «gentleman», que à nossa amarga saúde vem juntar-se a sensação duma perda irreparável para o jornalismo português.

Porque esse homem, que não teve nunca a fácil vaidade de querer impressionar o que sabia escrever (as suas cartas, notáveis de simplicidade, de observação, de equilíbrio, podem atestá-lo) foi efectivamente um jornalista, um jornalista de raça.

Quando assumiu a direcção técnica do «Diário de Lisboa», a sua acção e o seu espírito de jornalista logo se reflectiram na fórmula, mais incisiva, mais viva, dum jornal que tem o mérito indiscutível de acompanhar perfeitamente o ritmo da sua época, como compete a um jornal. Foi ele, acima de todos, que conseguiu tornar o «Diário de Lisboa» indispensável à vida da cidade, que o tornou, como se diz sem maldade, num «vício» lisboeta.

Estou a vê-lo, alto, moreno, forte, verdadeiramente belo, em mangas de camisa (as suas lindas camisas de homem que sabia vestir com elegante distinção), rondando o mármore escuro onde se paginava o «Diário de Lisboa». Não lhe escapava um título, um anúncio, uma gravura. A sua competência gráfica era sempre de bom conselho, de indicação segura.

Era ele também que, todas as manhãs, primeiro a chegar, como que amirava na sala da redacção as notícias do dia, as sensações para os leitores daquela tarde. Gos-

tava de atender êle próprio o telefone, de as transmitir, já pesadas, já doseadas segundo a escala do interesse, aos redactores. E nunca se enganava.

Relembro horas inolvidáveis de jornalismo activo vividas na Rua Luz Soriano, na órbita de Pedro Bordalo. Sabia dirigir sem impôr directivas, sem que se sentisse nunca o peso duma norma. E, no entanto, que firmeza de pulso, e que agilidade a par de tal firmeza! Com Pedro Bordalo, a linda palavra «colaboração» correspondia, na realidade, ao seu significado.

A sua condição de artista, por herança do sangue e produto da educação, levava-o a venerar a memória de seu tio Rafael, o caricaturista insigne. E atrevo-me a afirmar, sem receio de desmentido, que sem Pedro Bordalo já não haveria em Portugal caricaturistas.

Foi para os caricaturistas, para conservar em Portugal o fogo sagrado da sátira honesta, da sátira de arte, toda a virtude do aforismo «ridendo castigat mores», que Pedro Bordalo fundou e dirigiu o «Sempre Fixe», reacção necessária e sãda oposta a outros infectos pasquins de demolição e de chantagem. E foi no «Sempre Fixe», com a sua mão sempre aberta para a gente nova, que êle acolheu o autor destas linhas.

Os meus dezoito anos de então não poderiam suportar zóinhos os ataques que logo as minhas críticas provocaram. Mas a minha inexperiência encontrou sempre a seu lado, para a defender e incitar, a experiência, a protecção, a amizade, a defesa corajosa de Pedro Bordalo.

Eu começava a escrever por puro diletantismo, por «achar graça» a escrever... Isso não impediu Pedro Bordalo de me querer pagar desde a primeira linha que escrevi. Recebi da sua mão o primeiro dinheiro que ganhei. Ganho com o meu trabalho, como todo o que haveria de ganhar depois, para mim e para os outros.

Um dia, Pedro Bordalo levou-me ao gabinete do dr. Joaquim Manso. «Complotara» com êle uma página de cinema no «Diário de Lisboa», inteiramente orientada e escrita por mim. Já não poderei esquecer o orgulho que senti com essa honrosíssima promoção. Devo-a a Pedro Bordalo, que agora morreu e foi a enterrar.

Daí — seguiu-se tudo o mais. Por isso quero que as minhas lágrimas sinceras se juntem publicamente a tantas outras lágrimas sinceras que a sua morte faz chorar.

Ah! Não é para as exibir, como as de uma carpeideira! É para que sirvam de penhor à certeza de que não desapareceu por enquanto em todos os portugueses o culto da gratidão.

E por isso quero deixar escritas neste jornal, cuja aparição Pedro Bordalo saudou, já do seu leito de dor, com as palavras mais amigas e os incentivos mais completos, as duas palavras que disse para mim só diante do seu corpo morto: — Obrigado, Pedro!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

## UM GRANDE INQUÉRITO DO «ANIMATÓGRAFO»

### A existência dum cinema nacional poderá ser de vantagens superiores para a própria índole do povo português

— diz — Afonso Lopes Vieira

«Animatógrafo» tem a consciência tranqüila. Todos os que trabalham nesta casa, desde o director aos críticos, sabem o que querem e para onde vão. Sabem ainda que a linha que traçaram para lá chegar é a mais recta, a mais nítida, a mais directa e a mais honesta. A luta em que se empenharam só pode ter um fim, próximo ou longínquo: a vitória completa do Cinema

na ocasião única de nos apetrechamos, de nos «armarmos» convenientemente para ganhar a nossa batalha cinematográfica, nos domínios industrial, moral, político, religioso e artístico, há que ouvir desde já os nossos verdadeiros intelectuais, os nossos verdadeiros pensadores, para que a doutrina que prégamos surja aos olhos de toda a gente portuguesa não como exclusivamente nossa, mas como teoria funda-

«Demanda do Graals, do «Onde a terra se acaba e o mar começa» é um poeta integral, um poeta à portuguesa, tão impolutamente fiel à poesia como um cavaleiro antigo à fé de sua dama.

O jornalista procurou-na na sua linda casa do Largo da Rosa. Receber-nos na sua biblioteca, onde se alinhavam volumes preciosos, a sua livreria de poeta e de erudito.

Preguntámos-lhe se tinha visto os últimos filmes portugueses.

— Vejo todos os filmes portugueses — respondeu.

— E encontra nestes últimos alguma coisa de diferente, para pior ou melhor, em relação aos anteriores? Como interpreta o caminho que, com êles, se pretendeu traçar?

— Primeiro, vejo neles a criação duma obra nova, que é propriamente o fim da fase «amadora» do nosso cinema, para se entrar definitivamente num regime de sistematização profissional. Isso tem, evidentemente, consequências — as mais largas — no sentido da criação nacional. E pode, e deve ser o venturoso fim da deletéria influência «dolariana», o mesmo é dizer: o «gangsterismo», o «vampirismo» e a brutal industrialização das imagens e dos sons.

Quando digo «fase amadora» não quero, evidentemente, sugerir que não tenhamos visto até aqui trabalhos realizados com seriedade, oferecendo-nos até lindas imagens, e exprimindo, com mais ou menos felicidades, almas nossas e nossas conhecidas. Do que se trata agora, principalmente, é da criação duma continuidade de produção em bases firmes e criadoras de novas possibilidades.

(Conclui na 2.ª página)



Afonso Lopes Vieira, no terraço da sua casa de S. Pedro de Muel, diante do seu «órgão de bízios»

Nacional. Constituem, como já disse alguém, o «Partido Cinematográfico Português»...

Como todos os «partidos» (já que ainda vem, infelizmente, longe, a união de todos em redor do mesmo anhelado de independência e de portuguesismo) tem inimigos ferozes, pouco escrupulosos, que não hesitam em cometer autênticas infâmias para contrabaterem os nossos objectivos. Preparam-se e alimentam-se ambientes desfavoráveis; forjam-se maquinações e conspiratas; inventam-se os mais miríficos interesses, as mais ridículas calúnias, as mais sórdidas «larachas»; não se recua perante a campanha pública e sistemática (em que jornais, meu Deus!), sob a forma do ataque pessoal mais desbragado.

Afirmamos que tudo isso nos é indiferente, pela certeza de sabermos tudo isso inútil, inoperante, condenado a um trágico e aparatoso fiasco final. Nada poderá desviar a marcha inflexível dos acontecimentos, que não de demonstrar bem claro e bem alto que estamos na razão, e que a nossa luta não foi balçada.

Sabemos, desde sempre, por dolorosa e longa experiência própria, que nada do que nos propusemos é fácil, que não encontra facilmente compreensão e muito menos estímulo. Conhecemos toda a complicada máquina de interesses internacionais que se ergueu automaticamente contra nós, pelo simples facto de querermos instituir uma indústria cinematográfica portuguesa a sério, única fábrica possível para as almeçadas obras primas que nos reclamam, como se andássemos com elas na barriga e só por timosia nos negássemos a dá-las generosamente à luz.

Mas temos, repetimos, a consciência tranqüila. E, se nem tudo são rosas — também nem tudo são espinhos. Existem homens (homens autênticos e não apenas «homenzinhos») que estão conosco; que, sem de qualquer modo pudermos ser acusados de facciosismo ou dependência de interesses, nos ouvam, e apoiem, e acarinhem, nesta demanda em que nos empenhamos.

Decidimos procurá-los, ouvi-los e transcrever fielmente tudo o que nos disserem, seja isso por nós ou contra nós.

Se trilharmos o bom ou o mau caminho, êles não lo dirão. As declarações de António Ferro, que publicámos no último número, sugeriram-nos e demonstraram-nos a necessidade deste grande inquérito. Se o Governo está disposto a não deixar passar em claro esta fase decisiva do Cinema Português, es-

mentada nos ideais da fina flôr do pensamento português.

Começámos por Afonso Lopes Vieira. Não foi ao acaso que decidimos começar por um poeta. Não de seguir-se a este depoimento outros de altíssimo valor. Ouviremos mestres de direito, professores de letras e de ciências; filósofos, artistas, escritores; altos cargos da governação pública; educadores e orientadores.

Quisemos começar, porém, por um poeta. É que o Cinema é, antes de tudo — poesia. Poesia popular ou erudita, satírica ou dramática, lírica ou épica — mas poesia. E o autor do «Romance de Amadis», da

## A MEDALHA DO «ANIMATÓGRAFO»



Publicamos hoje uma reprodução do averso da medalha de bronze, modelada pelo pintor António Soares, com que o nosso jornal premie anualmente as melhores interpretações, masculina e feminina, apresentadas nos filmes estrangeiros que se exibem entre nós. As do ano passado foram atribuídas a Greta Garbo, em «Ni-nochkas», e a Leslie Howard, em «Pigmaleão». As do concurso deste ano, cujos resultados já foram apurados — mas que, conforme o regulamento, só serão proclamados na «Festa do Animatógrafo», que anunciaremos no próximo número — serão entregues por intermédio dos cônsules de Portugal nas cidades onde residirem os contemplados. Dificuldades de fundição obrigaram-nos a só entregar agora as medalhas correspondentes a 1940. O trabalho de fundição, magnífico de acabamento, deve-se ao moldador da Escola Nacional de Belas Artes.

A linda «Taca do Animatógrafo 1941» está a ser executada, tal como a do ano passado, pela joalheria «Pratas de Artes», da Rua da Misericórdia.









REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da EDITORIAL IMPERIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telefone P. B. X. 4 8276 / 41011 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

# Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

PREÇO DAS ASSINATURAS  
Ano ..... 28\$00  
Semestre ..... 13\$00

Distribuidores exclusivos:  
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, L. MITADA — L. Trindade Coelho 9-2.ª (Telef. P. B. X. 2-7507), Lisboa

## RICHARD GREENE

### o galã que trocou Hollywood pela sua pátria, é um dos intérpretes do filme «Unpublished Story»

Richard Greene, o galã inglês que o cinema americano lançou e popularizou, foi, por razões de cumprimento de contrato, um dos últimos, senão o último cidadão inglês, e em idade militar, trabalhando nos estúdios de Hollywood, a voltar para o seu país, o que lhe valeu uma campanha surda movida contra ele pelos seus compatriotas que as circunstâncias não obri-

**Os ataques da aviação alemã a Inglaterra em fins de 1940 constituem o assunto principal deste filme inglês**



Richard Greene

gavam, a entrar em Inglaterra. Foi precisamente essa campanha que o levou a oferecer-se como voluntário na aviação canadiana, o que pôs ponto final a uma situação antipática de que ele, aliás, não era o culpado, pois de Londres não tinham solicitado a sua presença ali.

Richard Greene, que entre nós apareceu em vários filmes, e que terminou na América o filme «Sou uma Aventureira», versão americana do filme francês do mesmo nome em que Zorina faz o papel criado por Edwige Feuillère e Erich von Stroheim, o de Jean Max, está interpretando agora nos estúdios de Denham, um novo filme para o qual foi especialmente autorizado pelas autoridades militares da Royal Armoured Corps, unidade a que pertence e onde tem o posto de tenente.

Esse filme que tem por título «Unpublished Story» (História por publicar) com argumento da autoria de A. Havellock Allan e Allan Mc Kinnon, é inspirado na chamada Batalha da Inglaterra, nele sendo focada a acção aérea alemã de há dois anos, assim como a célebre batalha de Dunquerque a qual, depois de ser reconstituída nela primeira vez no filme da Fox «A Vozes da RAF», com Tyrone Power e Betty Grable, vai neste filme ser, de novo, assunto de primeiro plano.

## Notícias de ESPANHA

● Juan de Orduña que foi um conhecido galã do cinema espanhol, tendo trabalhado também em França, passou a dedicar-se à realização de filmes. Anuncia-se a produção do seu novo filme que tem por título A MI LA LEGION, de que são intérpretes Alfredo Mayo, actor hoje em grande evidência no cinema espanhol, Pilar Soler, Luiz Peña, Miguel Pozanco, Rufino Inglés, Pablo Alvarez Rubio, Raul Canelo, Fred Galéana, Manuel Arbó e Arturo Martin. Como o seu título deixa antever a acção do filme decorre na Legião Estrangeira, de Marrocos.

● Eduardo Maroto, figura das mais categorizadas entre os elementos técnicos da indústria cinematográfica espanhola, que já trabalhou em Portugal como montador de filmes, está dirigindo o filme POR QUE VIVIR TRISTE?, que será o primeiro filme de grande metragem da casa produtora Bellesteros. São seus intérpretes Mary Santamaria, Raul Canelo, o cómico Mariano Azaña, Irene Caba e o jovem Mario Barriana.

● Pedro Puche dirige nos estúdios Lepanto, de Barcelona, o filme EL ULTIMO ARDID, em cuja distribuição entram Maruchi Fresno, uma das novas actrizes que mais interesse está suscitando, Luis Frened, Antónia Pedraza e Lily Vincenti.

● Em Barcelona a casa Producciones Layetanas tem presente em realização quatro filmes de curta metragem cujos títulos são «Romances», «El auto Sinfónico», «Arrendiendo con los pies» e «Del baño a la guitarra».

● MI MARIDO ES USTED é o título do filme que para a sociedade produtora Ufies o encenador Claudio de la Torre está dirigindo nos estúdios Orpheu de Barcelona. Mery Carrillo, Julio Peña e Jesus Tardellas são os principais intérpretes do filme. O cenário bem como os diálogos, são de José Lopez Rubio.

Parte da acção do filme decorre na redacção dum jornal durante os meses de Agosto e Setembro de 1940, tendo sido também especialmente reconstituídos os gigantescos incêndios nas docas na noite do primeiro ataque aéreo alemão, assim como o bombardeamento do edifício do jornal, cenas num hotel de Dover durante o ataque à cidade, a reconstrução da estação de Victoria, etc.

Para até certo ponto tornar mais convincente a atmosfera do filme, tomam parte nele formações de bombeiros que viveram esses momentos trágicos, assim como soldados que estiveram em Dunquerque e em Narvik foram chamados a colaborar no filme em cuja distribuição se conta um numeroso grupo de actores. A primeira figura feminina é Valerie Hobson, uma categorizada vedeta inglesa, Basil Radford, Frederick Cooper, Bredni O'Boise, René Gadd, Marjorie George, André Morell, Roland Culver, George Thorpe, Claude Bailey e Henry Morrell.

Richard Greene e Valerie Hobson vivem no filme as personagens de dois repórteres.

**ROBERT TAYLOR, político americano no filme «Gentleman from the West Indies»**

**No elenco do novo filme, cuja acção decorre no século XVIII, encontram-se os nomes de HEDY LAMARR e RUTH HUSSEY**

Alexander Hamilton — um nome que nada tem que ver com William Hamilton, embaixador inglês em Nápoles, e que foi marido de Emma Hamilton, a famosa Lady Hamilton que se celebrou pelos seus amores com Horace Nelson — foi um dos colaboradores que mais de perto trabalharam com George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos e por conseguinte uma figura de importância na história daquele país.

É esse homem de estado que vai ser homenageado agora pelo cinema americano, que lhe dedica um dos seus filmes. É a Metro Goldwyn Mayer que vai produzir essa película que tem por título «Gentleman from the West Indies» em que a parte biográfica da sua actividade nas Índias Orientais, onde representou o seu país será especialmente focada. O argumento é tirado de «Dawn's Early Light», uma obra de Fritz Kartner e de Dorothy Thompson, a conhecida jornalista americana que há tempos passou por Lisboa e cujo nome andou recentemente nas colunas dos jornais, não como autora de artigos mais ou menos sensacionais, mas sim como assunto de notícia por virtude do seu divórcio de Upton Sinclair, o tão falado escritor e socialista, grande amigalhão de Chaplin e financiador do discutidíssimo filme de Eisenstein, «Tempestade sobre o México».

Robert Taylor será Alexander Hamilton e a seu lado aparecerá Hedy Lamarr, que fará a apaixonada de Hamilton, a qual tem uma decisiva influência na vida e na carreira de Alexander Hamilton e Ruth Hussey, que será Elizabeth Hamilton, mulher deste político.

Robert Taylor fez já com Hedy Lamarr o filme «Dama dos Trópicos» e com Ruth Hussey um filme de aviação há pouco exibido em Lisboa. Por sua vez Hedy Lamarr e Ruth Hussey apareceram juntas no filme «H. M. Pulham, Erg.», recentemente terminado.

**PARA QUE O CINEMA PORTUGUÊS EXISTA, É NECESSÁRIO QUE O PÚBLICO O APLAUDA E DEFENDA**

## LUBITSCH dirige GINGER ROGERS no filme «ROXIE HART» que não é uma produção da R. K. O.

Pela primeira vez desde 1933, Ginger Rogers vai deixar os estúdios da RKO em Lower Street, onde o seu nome atingiu uma importância que não se viuugar no mundo do cinema, graças ao seu magnífico talento, de sua excepcional personalidade, aliadas a uma perseverança e uma vontade de vencer que são um exemplo e uma lição para aqueles que aspiram a fazer uma carreira no cinema, e em que o caminho andado de «voando para o Rio» até «A Rapariga da Gola Branca», ilustrou maravilhosamente essa carreira gloriosa.

Ginger Rogers, pelo contrato que o veio passado assinou com a RKO, renovando o que até então a esta companhia a ligava, introduziu-lhe uma cláusula importante que lhe permitia uma maior liberdade na sua actividade cinematográfica, autorizando-a a trabalhar noutras companhias durante o tempo em que a RKO a não utilize. Em consequência dessa combinação, a que aquela empresa, seguramente, deve ter auído dado o prejuízo que lhe acarreta o não ter já o exclusivista vedeta, Ginger Rogers trabalhará em duas outras companhias — a 20th Century-Fox e a Paramount, para a qual fará um filme por ano, durante três anos.

A Fox é no entanto, a primeira que se pode orgulhar de a ter a trabalhar nos seus estúdios, tendo até — a tout seigneur

**Ao lado da famosa vedeta aparecem George Montgomery, apaixonado de Ginger na vida real, e Adolphe Menjou**

*tout honneur* — destinado para dirigir esse seu filme para Darryl Zanuk, uma das suas mais categorizadas figuras — Ernest Lubitsch.

Este, livre já do compromisso que ainda o ligava à United Artists por ter concluído o filme «To be or Not to be», o último que a desditosa Carole Lombard interpretou, vai dirigir esse primeiro filme de Ginger, que será também o seu primeiro trabalho para a Fox.

Ao contrário do que tem sido noticiado, e como a própria Fox o tem anunciado, não é já «Self Made Cinderella» o filme que Ginger Rogers fará, diz-se que em consequência dos resultados comerciais de «Os amores de Joaninha» não serem aquilo que se esperava, para o personagem que a Fox lhe destinava nesse filme era, até certo ponto, um pouco vasada nos mesmos

moldes. Por isso o filme é feito sobre um argumento completamente diferente, e intitula-se «Roxie Hart». Apresenta também a particularidade curiosa de não aparecer, como apaixonado de Ginger no filme, George Montgomery, o seu apaixonado na vida real, e de quem já «Animatógrafo» falou largamente num dos seus números.

Além do parzinho Ginger Rogers-George Montgomery tomam também parte no filme Adolphe Menjou, Lairdregar, que foi o gigante companheiro de Paul Muni em «Baía do Hudson» e agora aparece na figura planturosa do crítico de «Sangue e Arenas», actor de teatro que o cinema recentemente conquistou, tornando-se um «secundário» de primeira ordem, e J. Carrol Nash.

## O grande realizador ALEXANDRE VOLKOFF dirige «A more Imperiale» cuja acção decorre na antiga corte russa

Dentre os nomes que formavam o célebre Grupo de homens de cinema, chefiado primeiro por Ermolief, e depois por Alexandre Kamenka — produtores, realizadores, actores, decoradores, operadores — que após os acontecimentos da Rússia em 1918 assentaram arraiais em França trazendo ao cinema francês, então defalcado e desinteressado pela guerra, sangue novo e novos rumos, um se destacou entre eles, tornando-se uma das figuras mais importantes do cinema europeu. Era Alexandre Volkoff, o realizador da «Casa do Mistério», de «Keans», um clássico do cinema, de «Mil e uma Noites», ambiente que ele depois faria aparecer de novo em «Sheherazade», do «Diabo Branco», um dos primeiros filmes sonoros europeus, de «Casanova», etc.

Volkoff, depois de ter deixado a França e de ter trabalhado na Alemanha e noutros países da Europa Central, está desde algum tempo em Itália onde acaba de dirigir um filme que pela sua grandiosidade, pelo fausto da sua «mise-en-scène», pelas capitais nele investidas o destacam da produção italiana, onde os filmes de ambiente históricos ou de reconstrução têm sempre seduzido os produtores.

O filme intitula-se «Amore Imperiale», e a sua acção decorre na corte russa, por volta de 1740, durante o conflito em torno da jovem princesa Elisabeth, recente de trono, nupcial com Laitis Perdo, nome de prestígio no cinema italiano, interpreta.

## Rudolf Forster num filme sobre o vício dum dos mais célebres burgomestres de Viena

O Dr. Karl Lueger foi durante muitos anos o burgomestre de Viena, figura de excepçãoal relevo a quem alguma celebre capital tantos e tão grandes benefícios ficou devendo, como é a que Viena é credora do prestígio e da prosperidade do que até à Grande Guerra gozou a cidade do «Fraters» e do Danúbio, das Valsas e dos Strauss.

É um episódio da vida desse notável cidadão que serve de fundo ao argumento do filme que a Wien Filme tem agora em produção para a UFA, o qual tem por título «Wich 1910», sendo o argumento da autoria de Gerhard Menzel, nome categorizado do cinema alemão, tendo por sua vez a sua realização sido confiada a E. W. Emo, nome sobejamente conhecido.

Esse filme, em que o aspecto documental e paisagístico de Viena será largamente focado, mostrando toda a sua beleza, todo o seu pitoresco e riqueza arquitectónica, é interpretado por um dos melhores actores do teatro alemão, que ao cinema tem prestado por várias vezes a sua preciosa colaboração — Rudolf Forster.

Forster, que há pouco voltou ao seu país depois de uma «tournee» pelos países sul americanos, via, assim confiada a interpretação duma figura de excepçãoal relevo que é a do famoso burgomestre, e de que ele, por certo, vai fazer uma grande criação.

**O notável realizador de «Kean», «Sheherazade» e outras jóias do cinema, volta novamente dirigindo um filme em Itália**

No filme, extraído dum argumento original de Hans Rossendorff, com encenação de Giuseppe Zucca e do próprio realizador, é interpretado por um grupo numeroso de actores entre os quais se destacam Claudio Gora, no principal papel masculino, o de um pastor de gado por quem a princesa Elisabeth se apaixona, Laura Nucci, Lamberto Picasso, Olga Vittoria Gentilli, Ennio Cerlesi e Franca Belli. Mario Albertelli foi o operador e o célebre figurinista Boris Billinsky, outro emigrado russo, teve a seu cargo a decoração do filme e composição dos numerosos figurinos.

## O EIXO italo germânico no campo cinematográfico

De há uns tempos para cá a colaboração entre a Itália e a Alemanha, no campo cinematográfico, tem-se tornado cada vez mais estreito, aumentando o número de filmes feitos nesse regime de comparticipação artística e realizados nos estúdios italianos. Quer sejam filmes em cujo elenco tomem parte actores alemães contrac-



Vivi Gioi

## Noticias de FRANÇA

● André Berthomieu concluiu o filme LA NEIGE SUR LES PAS, extraído da conhecida obra de Henry Bordeaux, e da qual Donatien, há anos, fez uma primeira versão com sua mulher, Lucienne Legrand por intérprete principal. Desta vez os intérpretes são Pierre Blanchard, Michèle Alfa, uma das mais recentes revelações, Line Noro, Josseline Giel, a notável característica que é Pauline Carton, Georges Lannes, que fez a sua reentrada ao cinema, Marcelle Praince, Jean Toulont, Gaston Jequet, há muito afastado dos estúdios, e a pequena Roberte Armand. Grande parte dos exteriores foram filmados no Hospício de S. Bernardo. A estreia do filme deve ser feita em Marselha.

● Nos estúdios de La Victorine, em Nice, o realizador Marc Allegret terminou as filmagens do seu filme L'ARLESIENNE, procedendo-se agora ao registro a música de Georges Bizet, o autor da ópera do mesmo nome, sendo a partitura executada pela Orquestra do Casino de Monte Carlo, sob a direcção de Paul Paray. Como já dissemos o filme tem por intérpretes Raimu, Gaby Morlay, Charles Moulin, Charpin, Trémel e Gisèle Pascal, a nova actriz descoberta por Allegret numa loja de frutas de Nice, propriedade dos pais dela.

● NE BOUGEZ PLUS é o título do filme que nos estúdios de Paris interpretam Sturain Fabre, o notável comediante, Hélène Robert e Annie France.

● André Brunot, Jean Tissier e Jean Pagui, o jovem actor que no teatro tem feito uma carreira sensacional, são os intérpretes do filme LA MAISON DES JEUNES FILLES, que se realiza nos estúdios de Marselha.

● Richard Pottier, o realizador famoso de «Se fosse o Patrão», vai dirigir o filme de ambiente musical MADEMOISELLE SWING, que será interpretado

nando com os seus camaradas italianos, quer se trate da realização de versões italianas e alemãs dum mesmo argumento, realizadas por encenadores de cada país e interpretados por «équipes» diferentes, o que é certo é que essa colaboração cada vez se torna mais efectiva.

Neste momento estão sendo realizados em Itália dois filmes importantes, cada um deles tendo uma versão italiana interpretada e dirigida por elementos italianos, e outra alemã em que colaboram exclusivamente personalidades alemãs.

Um deles intitula-se «Sete anni di felicità» e é produzido pelas casas F. Enno de Roma, e Bavaria alemã, sendo a versão germânica dirigida por Ernst Marischek, que é também o autor do argumento, e a italiana pelo realizador Roberto Soverese. A versão italiana compreende os nomes de Vivi Gioi, jovem vedeta dos estúdios romanos, Elli Parvo, Carlo Romano e Carlo Campanini, ao passo que na alemã, são os seguintes, os actores que nela participam: Hannelore Schroth, Wolfgang Alberty Retty, e os dois magníficos comediantes que são Hans Moser e Theo Lingner. Vaclav Vich é o fotógrafo de ambas.

O outro filme, produção Itala Film, de que se está também a fazer uma versão alemã com artistas próprios é «Tre Ragazzi Viennesi» (Três Raparigas Vienenses). Nele aparecem, tanto na versão italiana como na alemã, os nomes de Carol Höhn, que tem por mais de uma vez trabalhado nos estúdios de Itália, Johannes Richmann, Theodor Dannerger, a insinuante Lucia English, Else von Mollenhoff e André Mazoni. O operador Edward Hoesch é o fotógrafo e Hubert Marischek o realizador da versão alemã.

por Elvire Popesco, Saturnin Fabre, Jean Murat, Irène de Fribert, Pierre Mingand que foi «cleaving-man» de Danièle Darieux em vários dos seus filmes e Raymond LeGrand. A música deste último é de Johnny Hess e Bernard Roland é o director artístico do filme.